

À espera do Salvador¹

JOSILDETH CONSORTE²

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATOLICA DE SÃO PAULO

“Dona Rizoleta, a senhora não está só. Somos 130 milhões rezando juntos”

Se os dizeres da faixa em frente ao Instituto do Coração (INCOR) de São Paulo, durante a permanência de Tancredo Neves num dos quartos da sua UTI, exageravam quanto aos números, certamente não mentiam quanto à unanimidade que sugeriam ter se constituído em torno de sua figura como esperança maior de melhores dias para este País.

A transformação de Tancredo Neves de candidato da Aliança Democrática ao Colégio Eleitoral - instrumento reconhecidamente espúrio de manifestação da vontade nacional - em encarnação de um enviado Divino para salvar a Nação foi um dos processos de elaboração cultural mais rápido a que já assistimos na nossa longa história de vivência de mitos messiânicos. Nenhum outro processo de gestação social de um Messias neste País (e já conhecemos tantos!), porém, se lhe iguala em termos da mobilização nacional popular que engendrou.

Neste ensaio, em que examinamos alguns aspectos das manifestações religiosas populares em São Paulo, no período entre 26 de março (data da chegada de Tancredo Neves à cidade) e 21 de abril de 1985 (data de sua morte), esboçam-se as linhas gerais de uma análise que vimos desenvolvendo a partir de uma pesquisa com a colaboração de um grupo de alunos e professores da PUC/SP sobre o tema *Mito e Identidade na Construção da Nova República*, e que esperamos produza outros resultados. É nossa intenção oferecer subsídios à discussão de nosso processo político, mais precisamente da participação popular neste processo e da importância das mediações religiosas em seu desenrolar.

1 Publicado em CONSORTE, Josildeth, A espera do Salvador in *Religião e Sociedade*, numero 12/13, 1985, pp 20-34.

2 Professora do Departamento de Antropologia da PUC/SP e presidente do Centro de Estudos da Religião (CER) .



Foto: Augusto Antunes.

Com este objetivo, analisaremos:

- a) como a presença das diferentes denominações religiosas no espaço democrático das ruas, longe de confundi-las, refletia a dinâmica de suas relações e realçava suas diferenças, fortalecendo suas identidades;
- b) como os rituais, ali praticados, traduziam diferentes leituras religiosas da doença do Presidente;
- c) como as manifestações religiosas acabaram, afinal, por garantir ao Presidente moribundo e, por extensão, à sua Nova República, a legitimidade que antes não lograra alcançar.

Como Tudo Começou

A candidatura de Tancredo Neves à Presidência da República, todos sabemos, não nasceu de um movimento popular. A transição do autoritarismo para a democracia, pela via do compromisso, não era o que o povo havia pedido nas ruas. Ainda mais uma transição com José Sarney a tiracolo - ele que ajudara a enterrar as

esperanças da verdadeira festa da democracia que teria sido a mudança pelo voto direto. O grito pelas “Diretas já” ainda ecoava em nossos ouvidos e não fora ainda esquecida a decepção que se abatera sobre o País com a derrota daquela emenda, no Colégio Eleitoral.

Não obstante todo o significado que os meios políticos e os de comunicação de massa procuraram imprimir à candidatura de Tancredo Neves e à sua pessoa como o único político capaz de unir à sua volta tudo quanto era ou poderia vir a ser oposição, era generalizada a consciência de que a posição por ele alcançada havia sido fruto de articulações partidárias.

O nome de Tancredo Neves surgira de um consenso imposto de cima para baixo, sendo de modo geral percebido como uma espécie de remédio que era preciso engolir para evitar mal maior.

Às vésperas de sua posse, porém, Tancredo Neves já era para o povo brasileiro muito mais do que mais um presidente que governaria o Brasil. Sua eleição pelas forças de oposição acabara por catalisar para a sua pessoa as esperanças de mudança tão ansiosamente acalentadas por todos. A autoridade com que falava, a perspicácia, a inteligência, o desembaraço com que respondia aos seus interlocutores, a forma direta com que tratava os problemas que lhe eram apresentados, seu humor, sua “mineirice”, ao lado de outras virtudes só então tomadas públicas (homem profundamente religioso, pai de família exemplar, avô queridíssimo, amigo fiel etc.), haviam conquistado o País e revestido a sua figura de uma tal aura de confiabilidade que não havia como não acreditar que ele e a sua Nova República realmente marcariam o início de um novo tempo para este País.

E de repente tudo isso parecia profundamente ameaçado.

A notícia de seu internamento no Hospital de Base de Brasília chegou, via rádio e televisão, já noite avançada, na véspera de sua posse; no dia seguinte pela manhã, ao acordar, o País inteiro era informado pelos jornais de que o Presidente eleito não apenas fora internado na noite anterior, como operado madrugada adentro, em caráter de emergência, para resolver um problema intestinal (era sugestivo o fato de ser intestinal) a que denominavam diverticulite.

Contrastando com a situação de emergência, as referências ao mal que o acometera faziam supô-lo banal, sem gravidade. Falava-se até mesmo de uma simples infecção de garganta.

O inesperado do acontecimento, porém, agravado pelo desencontro das informações que chegavam e pela briga entre as equipes médicas, levantou de

pronto a suspeita de que algo estava sendo ocultado e que se assim acontecia não se tratava de boa coisa.

As sucessivas versões oficiais da sua situação de saúde foram tomadas como despistadoras, e as reiteradas declarações de que logo o Presidente estaria bem e assumiria só conseguiram reforçar a crença de que a verdade estava sendo sonegada. O extraordinário acontecimento e do modo como ia sendo tratado não tardou a produzir seus efeitos junto à imaginação popular que, imediatamente, passou a remetê-lo a uma outra esfera. Afinal, se a doença era natural, por que tanto mistério? O extraordinário da situação só poderia ser entendido a partir do prisma do extraordinário. E a doença do Presidente foi perdendo o qualificativo de um acontecimento imprevisível, natural, de uma coincidência infausta - mas simples coincidência - para ganhar outros foros, outra dimensão.

E as versões populares começaram a correr de boca em boca, desde a de uma coincidência forjada por um atentado contra a vida do Presidente, isto é, como expressão da vontade de um poder terreno, à de uma manifestação de poderes de outra natureza, de uma natureza extraterrena, qualquer que ela fosse.

A primeira versão se colocava ao lado de versões semelhantes, elaboradas por ocasião da morte de outros presidentes (Getúlio Vargas, Juscelino, Castelo Branco, Costa e Silva), que já possuíam certa popularidade, certa tradição entre nós. Interesses contrariados teriam armado a mão de algum capanga contra o Presidente, que assim começou a aparecer como a encarnação de algo muito bom que Deus reservara para este povo e que se pretendia destruir (se não o fosse, porque tentariam eliminá-lo?).

A esta versão viria se somar, mais tarde, a suspeita levantada pela família Neves de uma bacteriemia programada. Neste caso, os inimigos teriam se valido da própria equipe de saúde que cuidava do Presidente para liquidá-lo.

A segunda versão, no entanto, aparecia como novidade, e era através dela que se remetia o evento para a dimensão do sagrado e se abria o espaço para as manifestações religiosas. Segundo esta versão, mesmo que o Presidente fosse portador de doença natural, o fato de os sintomas terem se tornado insuportáveis justo na véspera da posse, impedindo-o de realizar seu sonho maior, só podia ser um sinal de origem divina, evidência suficiente para remeter o fato ao reino do extraordinário.

Nas duas versões, um ponto em comum: a doença do Presidente (ou no mínimo a necessidade de operá-lo naquele momento) não fora provocada por causas naturais e, como fruto de outras causas, outros remédios estava a exigir.

A doença de Tancredo Neves colocava-se, assim, como canal de expressão do sagrado, como manifestação de forças que se situavam em outros domínios e por isso mesmo requeria outras terapias para ser debelada, não a da medicina científica (ou pelo menos não somente a dela). Lidar adequadamente com sua enfermidade requeria, pois, outros caminhos, a intercessão de outras forças.

As manifestações populares de conteúdo religioso começaram em Brasília, mas foi em São Paulo que tomaram vulto e ganharam repercussão nacional e internacional.

O Drama da Fé nas Calçadas do INCOR

Se em Brasília, com o internamento do Presidente, se inaugurara para o País um tempo de espera, sua remoção para o INCOR transformou este espaço e adjacências na Mesa das atenções nacionais, o espaço privilegiado onde aquela espera se materializava, ganhava concretude. Ali, o tempo realmente parava.

Lá em cima, no terceiro andar, num dos quartos da UTI de um dos centros mais bem equipados e sofisticados da América Latina, desenrolava-se a luta de uma equipe médica de padrão internacional na tentativa de restituir a saúde de Tancredo Neves.

Cá embaixo, o plantão permanente das equipes de reportagem (rádio e TV) e a presença cotidiana de populares transformavam a rua e as calçadas no lugar onde se esperava que em algum momento se anunciasse a notícia mais ansiosamente desejada pelo País inteiro - a da recuperação efetiva de Tancredo Neves, sublinhada - quem sabe - por um aceno seu de uma janela ou sacada daquele templo de cimento armado.

Cordões de isolamento foram colocados ao longo das calçadas para melhor disciplinar o uso do espaço. O povo ficaria atrás das cordas, enquanto a imprensa, as autoridades, os funcionários do Instituto, os parentes, os policiais, os automóveis e as ambulâncias, transportando pacientes para o complexo hospitalar situado na área, transitariam livremente pela Av. Dr. Enéias Carvalho de Aguiar.

A calçada do INCOR tomou-se, no entanto, durante o processo - muito mais do que um espaço de espera -, um espaço de culto, espaço sagrado por excelência, onde o povo se juntava para praticar seus rituais. Foram inúmeras as fotos nos jornais e revistas e as imagens de TV a documentarem o fato. Era para lá que se dirigiam os penitentes, os que pretendiam oferecer sacrifícios em favor do Presidente ou alcançar maior eficácia em suas orações. Era lá, também, que se faziam as orações coletivas (rezava-se também e muito ao longo de todas as calçadas da área, mas individualmente). Era na sua amurada, até então ajardinada,

que se pregavam cartazes improvisados, faixas, folhetos, e se deixavam endereços numa linguagem bem popular. Também ali iam sendo deixados os mais variados objetos de culto, imagens, terços, cruzeiros, velas.

No decorrer da última semana, com a justificativa de desimpedir o trânsito na área (justificativa usada, aliás, outras vezes, em momentos de maior apreensão), mas, na realidade, por razões de segurança, pelo temor das manifestações populares com a aproximação do desfecho (povo junto na rua é sempre muito perigoso, nunca se sabe o que pode acontecer), tudo isto (penitentes, objetos de culto, cartazes) foi removido para o outro lado da rua, quase na esquina da Rebouças, nas vizinhanças do Centro de Convenções, quartel-general da informação oficial, de onde eram lidos, diariamente, os boletins médicos pelo porta-voz da Presidência. Para o novo local, exatamente onde se encontrava uma barraca de alumínio, gentilmente cedida pelo seu proprietário para a afixação dos cartazes e como pedestal para as imagens, foi transferida também a função do local anterior, função esta que o boneco Tancredo Neves, feito por um artista mineiro e que o acompanhara durante toda a campanha, ajudou a consolidar. O boneco e as imagens, tendo a barraca como pedestal, passaram a marcar, a partir de então, o novo espaço de encontro, de meditação e de orações. Não era raro, no entanto, passar alguém por ali, alta madrugada, quando a vigilância afrouxava, pegar o terço enrodilhado numa das imagens, atravessar a calçada e ir rezar no espaço antigo, muito mais próximo do doente, praticamente embaixo dos seus aposentos.

O Campo Religioso³

Configurado o caráter extraordinário da enfermidade do Presidente, estava aberto o caminho para as manifestações religiosas e para a atuação do sagrado. E elas não se fizeram esperar. De toda a parte da cidade de São Paulo e de muitos lugares do interior desse estado e de outros, e mesmo de países vizinhos, começaram a chegar às calçadas do INCOR - a pé, de ônibus ou de carro - pessoas isoladas, famílias, grupos de colegas de trabalho, representantes de categorias profissionais, penitentes, procissões, congregações evangélicas, tendas de umbanda, terreiros de candomblé, caravanas de Seicho-no-Iê, todos movidos pelo desejo de engrossar a corrente de fé em favor do restabelecimento do enfermo ilustre. Dir-se-ia que todas as denominações religiosas existentes na cidade de São Paulo haviam marcado encontro nas calçadas do INCOR. Na verdade, as calçadas do INCOR retratavam, com grande fidelidade, o campo religioso paulista e algo de sua dinâmica.

3 Estamos usando o conceito na acepção empregada por BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: _____. A economia das trocas simbólicas. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1974.

A presença cotidiana dos fiéis de diferentes denominações foi deixando marcas indeléveis no espaço em frente ao INCOR. Depois de algum tempo eram claros os limites, flagrante e bem definida a territorialidade.

E como não podia deixar de ser, três espaços de culto foram se configurando nitidamente às portas do INCOR - um católico, outro afro-brasileiro, outro evangélico.

A presença de outras denominações, por ser eventual, não deixava marcas.

O espaço católico

O espaço católico, o mais denso e permanentemente ocupado, era o que mais se avizinhava do portão principal. Dele não arredava pé o moço de 20 anos, de nome Rival do, que veio do Rio de Janeiro disposto a só sair dali junto com Tancredo, vivo ou morto. Inteligente, bem articulado, instrução de nível médio (havia cursado até o segundo colegial), abandonara tudo, seu emprego, seus interesses, seu cotidiano, para se entregar de corpo e alma à tarefa de recuperação do Presidente. Desenhava e escrevia constantemente e quase sempre em rimas. Além das folhas soltas onde dava conta da sua esperança e dos desenhos que afixava nas paredes, redigia, quase que diariamente, uma espécie de “pensamento do dia”, através do qual ia atualizando sua reflexão.

No domingo anterior à morte do Presidente, este cartaz dizia “Irmãos, eles não deram conta do recado”. “Eles” eram os que estavam lá em cima no 3º andar, cuidando de Tancredo Neves. Naquele dia ele me assegurou que o Presidente fora vítima de um atentado e que esta verdade, escondida até então, teria que ser revelada. Ele não sairia dali enquanto isto não acontecesse.

Rezava muito e fazia jejum desde que chegara, permanecendo boa parte do tempo deitado numa cama improvisada sobre o canteiro que ladeava a amurada em toda a sua extensão, tendo sua mala por travesseiro. Era dele que se acercavam os curiosos e a ele que os desejosos de notícias se chegavam: nunca estava só. Dia e noite, ao relento, vestido e calçado, não tinha dúvida em se deixar morrer pela vida do Presidente.

No chão, a seu lado, junto com o pequeno cartaz do pensamento do dia, encontravam-se - deixados por populares - um busto do Sagrado Coração de Jesus e uma imagem de Nossa Senhora Aparecida com um rosário azul (cor de Nossa Senhora e de Iemanjá) enrolado à sua volta, em meio a folhetos contendo orações e novenas a santos milagrosos.

Um vasilho com flores e duas velas de sete dias, acesas, ladeavam as imagens. Algumas vezes elas eram colocadas sobre um grosso tronco deixado por uma tenda de umbanda, e nesses momentos a imagem de um altar era muito presente.

Ao lado desse altar improvisado, encontrava-se uma cruz de madeira, toscamente armada com dois troncos finos, tendo no braço menor, como na Cruz do Calvário, uma faixa branca. Esta cruz havia sido trazida por outro penitente, a pé, desde Diadema (a mais de 30 km do local).

Colocados na amurada, além dos escritos de Rivaldo, muitos dos quais de evidente conteúdo político, uma imagem computadorizada da cabeça de Cristo, um cartaz da campanha de Tancredo, orações, mensagens.

Era naquele ponto que as pessoas rezavam de joelhos, com terço na mão, sozinhas ou coletivamente, pela saúde do Presidente, e era para lá que convergiam os penitentes, os deficientes e os marginalizados de toda sorte.

É interessante assinalar que em raros momentos registrou-se a presença de sacerdotes no espaço católico. Era o catolicismo popular que ali se manifestava nas suas relações diretas com Deus ou intermediadas pelos seus santos.

O espaço afro--brasileiro

Na mesma calçada, ao lado do espaço católico, um pouco mais para o centro do quarteirão, definiu-se o espaço afro-brasileiro, freqüentado por tendas de umbanda, terreiros de candomblé e seus fiéis. Colocados um ao lado do outro, mas sem que se confundissem, reinava entre eles tal clima de cordialidade que até mesmo a doação de objetos de culto já ocorrera.

A ocupação do espaço afro-brasileiro não era nem tão densa nem tão permanente como a do espaço católico, muito embora várias tenham sido as tendas e terreiros que por ali passaram. No final da última semana, todavia, ele apareceu marcado de maneira nítida e insofismável pela inscrição, na parte central da amurada, de pontos de umbanda. Na base da mesma, por sua vez, extensas manchas negras, deixadas pela fumaça de uma quantidade enorme de velas, testemunhavam a realização, no local, de alguns trabalhos em favor da saúde do Presidente.

Um pouco acima de onde estavam riscados os pontos de umbanda, uma faixa, alguns cartazes e um endereço confirmavam a afiliação daquele pedaço. Num dos cartazes, um recado explícito (“Sr^a Risoleta, *Tancredo* quer viver, procure um Centro Espírita”) deixava claro que o espaço era mais abrangente.

Como a marcar o ecumenismo de ambos os espaços, a faixa de uma vidente, colocada acima do espaço católico, e uma outra que falava da fé dos estudantes da FMU, situada acima do espaço afro-brasileiro, ajudavam a compor o visual.

O espaço evangélico

Do outro lado da rua, na área fronteira às portas principais do INCOR, bem distante dos espaços até aqui referidos, postavam-se os evangélicos, quase sempre pentecostais. De pé, Bíblia na mão, pregavam os seus pastores de olhos voltados para o terceiro andar e para a multidão.

Nenhuma imagem, nenhum cartaz, nenhuma vela; apenas a palavra de Deus, cânticos e orações.

Durante os cultos ou pelo simples fato de se encontrar ali, o povo, ao longo das calçadas, atrás dos cordões de isolamento, em silêncio, rezava, chorava, meditava, aguardava. Algumas pessoas rezavam contritas, outras acompanhavam o que ia pelos espaços demarcados, repetindo os refrões das falas e cânticos como se fossem palavras de ordem. Algumas circulavam entre os diferentes espaços, curiosas, ouvindo, prestando atenção, mas eram poucas as que assim faziam. Quantas conversões teriam ocorrido ali? Quanto reforço a velhas ou novas convicções? A atmosfera era contagiante. O sagrado pairava no ar.

As Diferentes Leituras

Enquanto lá em cima, no terceiro andar do INCOR, a equipe médica que cuidava do Presidente lutava contra as bactérias que minavam seu organismo, a luta cá embaixo, no espaço da rua e das calçadas, era bem outra, porque outro era o diagnóstico de seu mal.

A leitura católica

A julgar pela afluência de fiéis, pelo volume de orações, pelo número de penitentes e de candidatos ao sacrifício de doar a própria vida pela vida do Presidente, parecia claro que não era apenas a gravidade do mal que mobilizava os católicos, mas sobretudo a importância e o significado de quem desejavam salvar.

Tanto a versão do atentado quanto a do sacrifício pessoal a que Tancredo teria sido levado pelo medo de que, se internado, não pudesse tomar posse - colocando em perigo a Nova República -, conduziam naturalmente à constatação de que ele se

imolara pelo bem comum. Tancredo levava a sua missão às últimas consequências e, como Cristo, dera a sua vida pelo povo. A partir desta tomada de consciência, foram sendo reunidos, como num grande quebra-cabeça, os elementos que iriam permitir que se revivesse mais uma vez em nossa história o mito do Salvador. De fato, o mito messiânico se encaixava como uma luva na narrativa que o seu sofrimento ia construindo. A identificação de Tancredo Neves com um Messias redivivo, para salvar este povo, foi construída com incrível rapidez, através das inúmeras coincidências que pontuavam sua biografia.

O reconhecimento da sua predestinação começava com o berço em São João del Rey, local de nascimento de um outro mártir, Tiradentes, e, como nos disse um entrevistado, já estava no próprio nome: Tan (tão) credo (crédulo, cheio de fé).

Sua *via crucis* e seu calvário não podiam ser nem mais evidentes nem mais dolorosos. Sete intervenções cirúrgicas, “sete purificações”, no dizer de um outro entrevistado; e, como se elas não bastassem, com todo o seu séquito de suturas, drenos, picadas, tubos, exercícios etc., poses forçadas e deslocamentos penosos aumentaram ainda mais seu desconforto. Seu martírio - paradoxalmente nas mãos da medicina oficial, que não se cansava de garantir que ele não sofria - era longo e intenso.

Completando as coincidências, lembravam os católicos que se estava na quaresma, no tempo em que se revivia a Paixão de Cristo.

O humor negro de uma piada assim dava conta da situação.

“Um sujeito perguntou a outro:

- Em que a vida de Tancredo se parece com a de Tiradentes?

Ao que o outro respondeu:

- Em muita coisa. Ambos eram mineiros, nascidos em São João del Rey, ambos sofreram e se sacrificaram pelo bem do povo...

- É, mas tem uma diferença (retrucou o primeiro). Tiradentes só foi esquartejado depois de morto.”

Sendo Tancredo Neves um enviado divino cuja missão, a duras penas, o povo compreendera, só Deus poderia ter compaixão deste mesmo povo, deixando-o viver. Orações, novenas, jejuns, penitências, procissões, promessas, sacrifícios, tudo era válido para se alcançar o resultado desejado.

A mobilização dos céus era geral.

A leitura afro-brasileira

Desde que um famoso pai-de-terreiro, ao ser entrevistado num programa popular de televisão, declarou ter sido procurado para realizar um trabalho contra Tancredo Neves e foi reticente em relação aos prognósticos quanto à sua recuperação, que a idéia de que ele estaria sendo vítima de "mal feito", de feitiçaria, ficou parada no ar. A procedência do mal era fácil de imaginar, uma vez que não apenas se conhecia o inimigo como eram correntes as versões de que o mesmo era assíduo freqüentador de terreiros onde suas transas preferidas eram com Exu. Restava saber se Tancredo Neves, católico ortodoxo, tradicional, acreditaria no alerta e procuraria se defender.

O modo inesperado como adoeceu, a forma como sua doença parecia se divertir com as previsões médicas, eludindo todos os seus prognósticos e sua espantosa resistência, só podiam confirmar as suspeitas levantadas.

A partir desta leitura, os esforços das tendas e terreiros tinham que, necessariamente, se orientar no sentido de desfazer o mal, desmanchando os trabalhos feitos contra ele.

Para que isto se tornasse possível, no entanto, era preciso ter acesso ao Presidente ou, no mínimo, a algo que lhe pertencesse, e neste ponto esbarravam com uma imensa dificuldade.

Se o catolicismo popular chegara a penetrar na intimidade presidencial no INCOR via medalhas, imagens, águas milagrosas, relíquias, pelas mãos mesmas dos sacerdotes que tinham acesso às suas dependências, deste privilégio não gozavam os babalorixás e as ialorixás dos terreiros de candomblé, ou os pais e mães-de-santo das tendas de umbanda.

A falta de acesso ao Presidente não foi, todavia, suficiente para fazê-los desistir. Numa de nossas idas às calçadas do INCOR, assistimos ao ritual que um pai-de-terreiro, de Brasília, realizava como parte da missão que viera cumprir. Diante dos pontos que riscara na parede fazia suas invocações, e nos garantia que o mal feito a Tancredo só poderia ser desfeito com os mesmos meios empregados por quem o fizera. Os pontos riscados pediam, além de saúde, justiça. Também para a umbanda Tancredo Neves fora vítima dos seus inimigos, e seu sofrimento era também um martírio, um sacrifício.

A leitura evangélica

Para as denominações religiosas de vertente evangélica, a relação da doença de Tancredo Neves com a esfera do sagrado apontava numa outra direção. No extraordinário da sua enfermidade, revelava-se a vontade de Deus que, deste modo, lhe oferecia a oportunidade de ouvir Sua palavra e de aceitar Jesus como seu Salvador.

Tudo quanto os evangélicos pediam era que lhes fosse dada a chance de levar até ele sua palavra, privilégio que, à semelhança do que acontecia com as demais denominações religiosas, salvo a Católica tradicional, também não lhes seria dado. Em poucas palavras, a recuperação do Presidente dependia, antes de mais nada, de sua conversão. Só então, caso fosse esta a vontade do Senhor, poderia ser curado. Testemunhos neste sentido não faltavam. E os crentes oravam pela sua conversão.

Na versão evangélica, mais do que em qualquer outra, era evidente a interferência do dedo de Deus na História; porém, mais do que isto, a responsabilidade do eleito em reconhecer a Sua vontade.

Outras leituras

De vertente espírita, uma outra explicação para o sofrimento do Presidente chegou ao nosso conhecimento, procedente de renomado médium. Tancredo Neves seria a reencarnação não de Tiradentes, como se poderia à primeira vista supor, mas de Joaquim Silvério dos Reis. Tancredo estaria, assim, expiando a traição que este perpetrara, no século XVIII, no episódio da Inconfidência Mineira. Ao sofrer na própria carne os padecimentos que, no passado, infligira a Tiradentes, seu martírio recordava-o em tudo. O mal, neste caso, fora também praticado por um inimigo do povo que, agora reencarnado e no desempenho do papel daquele a quem traía, sofria as penas a que o submetera. As várias coincidências já referidas entre a biografia de Tiradentes e a de Tancredo Neves só reforçavam a tese. A estas acrescentava-se agora uma outra, segundo a qual 15 de março, data da posse de Tancredo, teria sido também a data em que se pronunciou a sentença de morte contra Tiradentes. Uma consulta a fontes históricas logo fez cair por terra informação tão conveniente. A mesma consulta, porém, acabou por revelar uma outra informação tão ou mais significativa: 15 de março não fora efetivamente a data do pronunciamento da sentença referida, mas, no ano de 1789, aquele dia passava à história brasileira como o da primeira denúncia da Inconfidência, feita - nada mais nada menos - que pelo português, natural de Leiria, Joaquim Silvério

dos Reis⁴. A sentença de morte só viria a ser pronunciada a 18 de abril de 1792, à qual se seguiria a morte a 21, coincidência final. A denúncia a 15 de março, no entanto, não deixa de ter sido o primeiro passo para a condenação. De uma outra vertente - a renovação carismática -, outras pistas nos foram apontadas. A resistência de Tancredo Neves significava uma espera, espera de alguma coisa que ia chegar. No momento, porém, não temos como aprofundar esta análise por nos faltarem os dados necessários.

O reforço às identidades

Pelo que podemos constatar, as manifestações religiosas engendradas pelo extraordinário da enfermidade de Tancredo Neves, longe de se circunscreverem aos recintos fechados das residências ou dos templos das diferentes denominações religiosas, tomaram conta das ruas, nelas criando espaços definidos pelas suas marcas inconfundíveis.

Assim, no espaço democrático das ruas, longe de se confundirem, tiveram ressaltadas suas diferenças, reforçadas suas identidades, e no modo como se dispuseram e se relacionaram umas com as outras, evidenciaram aspectos importantes da dinâmica que as envolve. Dir-se-ia que cada uma saía de lá mais fortalecida do que chegara.

Grande parte das diferenças observadas refletia-se obviamente em seus rituais, através dos quais buscamos desvendar a leitura que faziam da enfermidade do Presidente. Seu *ethos* e a sua visão de mundo⁵ neles se mostravam, na sua articulação intrínseca, reforçando-se mutuamente como expressão privilegiada da diversidade que perpassa o universo simbólico das classes subalternas, colocando para nós o problema de pensar a sua cultura a partir do prisma das diferenças e não da homogeneidade.

O Recado Político

Embora as colocações que faremos aqui não passem de ligeiras considerações, insistimos nelas para não perder de vista uma reflexão que consideramos essencial sobre o que aquelas manifestações estavam a dizer ou a sugerir sobre nós mesmos.

4 PORTO SEGURO, Visconde de. *História geral do Brasil*, 3ª ed. integral, Tomo Quarto. São Paulo. Cia. Melhoramentos de. São Paulo, s/d. p. 408.

5 Para estes conceitos, consultar CLIFFORD, Geertz. A religião como sistema cultural. In: _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1978.

A impressão que tomava conta de nós, cada vez que nos dirigíamos às calçadas do INCOR ou que assistíamos pela TV ao espetáculo que ali se desenrolava, era a de que naquelas calçadas se afirmava algo de muito fundamental sobre nosso perfil enquanto brasileiros. Na pior das hipóteses, sobre o perfil de parcela expressiva das classes subalternas deste País. E nos perguntávamos: o que haveria em comum entre o conteúdo das manifestações das "Diretas Já" e o daquelas que ali observávamos? No momento das Diretas, o povo nas ruas, politicamente mobilizado, exigira mudanças pelo sufrágio universal. Vencido nas suas pretensões, sofreu, chorou, retraiu-se e não se empolgou com a solução de compromisso oferecida pelas cúpulas partidárias. Rendera-se a ela premido pelas circunstâncias. Por que, então, diante da enfermidade de Tancredo Neves, a aparente perda de perspectiva política, o mergulho no extraordinário? Será que estávamos diante do mesmo povo ou o povo das Diretas não era o mesmo povo que estava ali?

Na verdade, o processo de transição do autoritarismo para a democracia teria sido impossível sem a participação popular, isto é, teria sido impossível sem o povo nas ruas, donde a mobilização pelas Diretas. A transição por esta via, no entanto, se mostrou impossível, e as cúpulas partidárias decidiram lutar contra o inimigo com suas próprias armas, o que, não havia dúvida, só seria possível pela via do compromisso.

Tancredo Neves aparece como o nome talhado para o momento, pois só ele seria capaz de unir em torno de si interesses tão divergentes. Tancredo Neves é assim percebido como a única esperança de vitória sobre o inimigo, ou, melhor ainda, de vitória sobre o próprio Mal representado pela figura do candidato do sistema. Já existe, portanto, certo conteúdo messiânico, salvacionista, religioso - mesclado ao político - na própria construção que as cúpulas partidárias fazem do candidato. Neste sentido, o que a doença - com o seu potencial transfigurador - acaba por fazer é trazer para o primeiro plano uma dimensão que já estava contida na própria proposta política que Tancredo Neves concretizava e, através das suas manifestações religiosas, o povo acaba por conferir não apenas a Tancredo Neves, mas também à sua Nova República, a legitimidade que ele tanto perseguira. O retorno da dimensão política ao primeiro plano vai se dar logo depois de sua morte, durante o cortejo fúnebre. Ali, de novo, religioso e político se misturam, mas é o político que busca o predomínio, com suas faixas espalhadas ao longo do percurso, com suas palavras de ordem, com o verde e amarelo dos símbolos nacionais. A dimensão religiosa vai saindo das ruas, restringindo-se a outros espaços, dentre os quais o cemitério de São João del Rey passa a ocupar lugar privilegiado.

Se o nosso raciocínio estiver certo, a descontinuidade em termos de participação popular, que imaginávamos, efetivamente não existiu, e as manifestações nas

calçadas do INCOR podem ser vistas como parte do nosso processo de participação popular na política, que, ao longo da nossa história, não raro tem misturado as duas dimensões.